

Violência nas relações íntimas ocasionais de uma amostra estudantil

Joana Antunes* / Carla Machado*

*Escola de Psicologia, Universidade do Minho

Este artigo apresenta os resultados de uma investigação sobre a prevalência da violência nas relações afectivas ocasionais de uma amostra de estudantes, composta por 600 alunos do ensino secundário e superior. 72.3% dos elementos desta amostra relataram já ter estado envolvidos em relações afectivas ocasionais. Nas suas respostas a um inventário de violência (IVC-4, Antunes & Machado, 2007), 43.2% dos participantes admitem ter perpetrado pelo menos um acto abusivo contra um parceiro(a) ocasional ao longo das suas vidas (30.1% de natureza física) e 37.3% reconhecem ter sido alvo de violência por um parceiro ocasional ao longo da vida (20.4% de agressão física). Esta violência aparece essencialmente associada aos sujeitos mais novos, que frequentam anos inferiores de escolaridade e do ensino secundário. Ocorre também mais frequentemente entre os jovens com um maior número de envolvimento ocasionais. Estes resultados corroboram a relevância do problema da violência na intimidade juvenil e, sendo bastante superiores aos níveis de prevalência da violência nas relações de namoro (Machado, Caridade, & Martins, 2009), sugerem que poderá haver dinâmicas relacionais específicas das relações ocasionais que aumentam o risco nestes envolvimento e que a investigação futura deverá aprofundar.

Palavras-chave: Estudantes, Intimidade, Relações ocasionais, Violência.

A década de 60 ficou marcada pelo desenvolvimento de inúmeros estudos no âmbito da violência conjugal (Heritage, Carlton, & West, 1996), sendo, contudo, hoje evidente que a violência na intimidade não se restringe a este contexto relacional. São várias as evidências de que a violência também ocorre e não é menos prevalente nas uniões de facto, nos períodos pós-separação, nas relações homossexuais e também nas relações de namoro juvenis (e.g., Machado, Caridade, & Martins, 2009; Nunan, 2004).

No que diz respeito especificamente à violência na intimidade juvenil, os estudos iniciaram-se em 1981, com a investigação de Makepeace (citado por Lewis & Fremouw, 2001), que veio apresentar indícios de violência em uma de cada cinco relações amorosas estabelecidas por estudantes universitários. Mais recentemente, uma revisão de três estudos de grande dimensão, conduzida por Magdol, Moffit, Caspi, Newman, Fagan e Silva (1997), indicou dados de prevalência na população jovem adulta situados entre os 21.8% e os 55.8%. Sublinhando a variabilidade mas também a elevada dimensão deste problema, um estudo intercultural conduzido por Straus (2004) em dezasseis países e em trinta e um contextos universitários, encontrou taxas de violência física nas relações de namoro que variavam entre os 17% e os 45% nos 12 meses prévios à investigação.

Este texto foi elaborado no âmbito do Projecto “Violência nas Relações Juvenis de Intimidade” (PTDC/PSI/65852/2006), financiado pela FCT e coordenado por Carla Machado.

A correspondência relativa a este artigo deverá ser enviada para: Joana Antunes, Serviço de Psicologia, Escola de Psicologia, Universidade do Minho, Campus de Gualtar. 4710-057 Braga. E-mail: joanantuns@gmail.com

Por sua vez, os estudos conduzidos em Portugal também sugerem indicadores preocupantes de violência nas relações juvenis de intimidade. Paiva e Figueiredo (2005), numa amostra de estudantes universitários, encontraram 53.5% dos participantes que admitiram actos de violência verbal, 18.9% de coerção sexual e 16.7% de violência física de gravidade moderada a baixa. Mais recentemente, Machado, Caridade e Martins (2009), num estudo a nível nacional, com uma amostra em larga escala e que envolvia jovens de diferentes níveis de ensino, verificaram que 30.6% dos participantes envolvidos numa relação amorosa ($N=2,642$) admitiam ter perpetrado actos abusivos contra os seus parceiros durante o último ano, 22.4% a nível emocional e 18.1% de agressão física. A perpetração de ambas as formas de violência era reconhecida por 10.6% dos participantes e a comissão de agressões físicas severas era admitida por 7.3%.

Apesar de ser, assim, claro que a intimidade juvenil é um contexto propício para a violência, uma das questões usualmente omissas na investigação relatada diz respeito ao contexto afectivo específico em que tal violência se desenrola. São, por exemplo, raros os estudos que referem a duração da relação afectiva em causa, o grau de compromisso entre os parceiros ou se a relação era hetero ou homossexual. Por outro lado, nem sempre alguns conceitos utilizados nestes estudos para descrever o contexto relacional em causa têm correspondência directa com conceitos e vivências da população portuguesa. Um exemplo óbvio desta falta de tradução é o conceito de “dating”, sendo pouco claro se este se deve entender como sinónimo de “namoro” ou se abarca também quadros relacionais que envolvem menor comprometimento emocional ou menor estabilidade.

O estudo empírico que aqui apresentamos surgiu, assim, pelo reconhecimento da necessidade de explorar de forma mais pormenorizada o contexto afectivo em que a violência na intimidade juvenil se desenrola, bem como pela evidência de que a intimidade juvenil assume hoje múltiplas configurações, que frequentemente não se conformam ao padrão “tradicional” do namoro, caracterizado por um certo grau de compromisso, vínculo emocional e expectativa de continuidade temporal.

Efectivamente, hoje em dia, as relações amorosas dos jovens (e não só) assumem diversos padrões interactivos, que podem ir desde um comprometimento emocional absoluto até ao não envolvimento afectivo. É neste contexto que surgem as relações afectivas ocasionais, que se caracterizam por relacionamentos ausentes ou mínimos em termos de vinculação afectiva (Matos, Féres-Carneiro, & Jablonski, 2005). Mais concretamente, são relações de curta duração que, embora impliquem um envolvimento físico e/ou sexual, não envolvem um comprometimento emocional entre os dois parceiros, nem assumem que haverá continuidade nesse envolvimento. Este tipo de relacionamento é denominado, na gíria juvenil, por “amizade colorida”, “caso amoroso”, “andamento”, “curtição” ou “flirt”, entre outros termos.

Este recente modo de manter uma relação tem-se tornado cada vez mais comum entre os jovens, caracterizando-se pelo estabelecimento de regras próprias que as distinguem das relações íntimas convencionais (e.g., quanto à fidelidade, independência, desejo, entre outros), conferindo uma maior liberdade e autonomia aos parceiros. É uma experiência relacional fugaz, que se encontra intimamente associada ao prazer momentâneo, não exigindo, por isso, sequer conhecimento prévio dos parceiros envolvidos. Podem ser várias as motivações para o envolvimento nestas relações, como sejam a obtenção de prazer, a carência afectiva, o desejo de consolidação de uma amizade (cf. Matos, Féres-Carneiro, & Jablonski, 2005), evitar o afastamento entre ex-namorados ou procurar a proximidade de alguém de quem se gosta, tentando construir uma ponte para um futuro relacionamento (Manning, Giordano, & Longmore, 2006). Desta forma, as investigações que envolvem os jovens e a sua sexualidade centram-se, cada vez mais, nas relações afectivas ocasionais (ibidem), associando-as a encontros sexuais e, por vezes, à existência de violência sexual (Brown & Amatea, 2000).

Contudo, a literatura disponível sobre a questão mais lata da violência nestas relações é escassa, diríamos mesmo quase inexistente, além de que a variedade dos termos que definem este tipo de relações íntimas juvenis na literatura (*casual date*, *spontaneous date*, *one-night-stand*, *hooking up*, *friends with benefits*, *hanging out*) e, mais uma vez, a inexistência de uma tradução clara destes conceitos para o português e para a nossa realidade relacional, torna difícil estabelecer uma correspondência directa entre o que a literatura documenta e o fenómeno que procuramos estudar. A relevância deste projecto de investigação prende-se, pois, com a sua novidade, procurando desocultar a realidade da violência em relações menos tradicionais e muito menos investigadas do que o namoro, sendo – ao que é do nosso conhecimento – o primeiro estudo nacional que incide sobre a violência neste contexto relacional específico, mas de crescente relevo nas vivências amorosas juvenis.

OBJECTIVOS

O objectivo geral desta investigação consistiu em avaliar a prevalência da violência nas relações afectivas ocasionais dos jovens. A partir deste tema geral, este projecto de investigação integrou os seguintes objectivos específicos:

- a) analisar os indicadores de prevalência da violência física, emocional e sexual, em termos de vitimação e perpetração nas relações ocasionais, abrangendo estudantes do ensino secundário e universitário;
- b) identificar associações entre os vários tipos de violência recebidos e sofridos, como também se existe uma associação entre vitimação e perpetração de diferentes actos abusivos;
- c) encontrar associações entre características sociodemográficas (e.g., género, idade, grau académico, nível socioeconómico) e os vários tipos de violência perpetrada ou recebida.

MÉTODO

Amostra e procedimentos

As universidades constituem o contexto de excelência para o estudo da violência nas relações íntimas juvenis (Hickman, Jaycox, & Aronoff, 2004), não só porque o “pico” da violência ocorre no início da idade adulta (por volta dos 24 anos) (Paiva & Figueiredo, 2005), mas também porque este contexto apresenta inúmeras vantagens para a prossecução de um estudo empírico (e.g., facilidade na distribuição dos instrumentos de avaliação) (Straus, 2004). Urge, contudo, contemplar outros grupos etários dentro da população juvenil. O estudo da violência nas relações íntimas de jovens mais novos, por exemplo frequentando o ensino secundário tem sido, de certo modo, descurado, apesar de a evidência empírica demonstrar também níveis elevados de violência por parte destes estudantes (Connolly & Josephson, 2007).

A partir desta preocupação, a amostra deste projecto de investigação englobou tanto alunos do ensino universitário, como do ensino secundário. Os dados do ensino universitário foram recolhidos na Universidade do Minho, em aulas ou em locais que reunissem diversos estudantes (e.g., biblioteca e salas de estudo) e os referentes ao ensino secundário foram recolhidos em duas escolas do distrito de Braga. Pelo tipo de acordo obtido com cada instituição escolar, numa destas escolas os instrumentos foram administrados na sala de aula, enquanto na outra se procedeu à sua administração em espaços que aglomeram vários alunos (e.g., o bar, a sala do aluno, espaços exteriores).

O consentimento informado foi obtido individualmente junto dos alunos de maior idade, bem como junto do Conselho Executivo de cada escola e dos professores (no caso da recolha nas salas de aula), para os alunos do ensino secundário. Somente cerca de 2% dos indivíduos se recusaram a colaborar no estudo. Todos os questionários foram respondidos de forma anónima e confidencial. Foram distribuídos durante o ano lectivo de 2007/2008, sendo a amostra constituída por 600 participantes (cf. Tabela 1).

Instrumentos

O abuso nas relações afectivas ocasionais foi avaliado a partir de um questionário de auto-relato que incidia sobre a dimensão comportamental da violência, ou seja, avaliava a frequência dos comportamentos violentos sofridos e perpetrados pelo sujeito. Este instrumento foi adaptado a partir de um outro questionário utilizado numa investigação sobre prevalência da violência conjugal: IVC – Inventário de Violência Conjugal (Matos, Machado, & Gonçalves, 2000), também já alvo de uma adaptação prévia para a identificação da violência no contexto do namoro (Machado, Caridade, & Martins, 2009).

O IVC-4 (Antunes & Machado, 2007, adaptado de Matos, Machado, & Gonçalves, 2000) avalia, assim, os comportamentos violentos nas relações afectivas ocasionais. Para minimizar a subjectividade deste conceito, este instrumento inclui no cabeçalho uma definição deste tipo de relacionamento: “relação de curta duração que, embora implique um envolvimento físico e/ou sexual, não envolve um comprometimento emocional entre os dois parceiros, nem assume que haverá continuidade da relação. Na gíria dos jovens é denominada por amizade colorida/caso amoroso/curtir/ flirt”. De modo a contemplar os três tipos de violência (física, emocional e sexual), este questionário inclui vinte e uma questões sobre diversos comportamentos violentos potencialmente ocorridos numa relação afectiva ocasional ao longo da vida dos sujeitos. Em cada item, o participante responde em termos de perpetração e/ou vitimação. Assim, tem a possibilidade de responder: “Nunca fiz a um parceiro(a) ocasional” ou “Já fiz a um parceiro(a) ocasional” (para a vitimação “Um meu parceiro(a) ocasional nunca me fez” ou “Um meu parceiro(a) ocasional já me fez”), especificando, no caso de resposta afirmativa, a frequência com que estes comportamentos ocorreram (“Uma única vez” ou “Mais do que uma vez”).

RESULTADOS

Todas as análises foram realizadas usando o SPSS para o Windows (versão 16). No tratamento estatístico dos dados recorreu-se à estatística descritiva e aos testes de associação e diferenças. Apesar de as variáveis referentes aos valores totais e parciais de vitimação e perpetração serem intervalares, não foi cumprido o critério da normalidade, implicando que a análise estatística destes dados fosse realizada, quando necessário, através de testes não paramétricos.

Caracterização da sub-amostra com envolvimento afectivos ocasionais

Da amostra total de 600 sujeitos, 442 indivíduos, ou seja, 72.3% da amostra, relataram já ter estado envolvidos em relações afectivas ocasionais. Apenas estes sujeitos foram considerados para as análises estatísticas que apresentaremos de seguida. Sendo assim, torna-se pertinente caracterizar esta sub-amostra (cf. Tabela 1).

TABELA 1

Caracterização sociodemográfica da amostra geral e da sub-amostra

		Amostra geral N=600		Sub-amostra daqueles que já tiveram uma relação ocasional N=442	
		N	%	N	%
<i>Sexo</i>	Masculino	286	47.7	228	51.6
	Feminino	311	51.8	212	48
<i>Nível socioeconómico</i>	Alto	12	2	7	1.6
	Médio alto	73	12.2	65	14.7
	Médio	338	56.3	246	55.7
	Médio baixo	127	21.2	93	21
	Baixo	45	7.5	27	6.1
<i>Tipo de ensino</i>	Secundário	292	48.6	234	52.9
	Universitário	301	50.1	204	46.2
<i>Relação afectiva ocasional</i>	Sim	434	72.3	434	98.2
	Não	158	26.3		
<i>Situação amorosa actual</i>	Sem relação	301	50.2	218	49.3
	Relação afectiva ocasional	55	9.2	53	12
	Namoro	221	36.8	155	35.1
	Coabitação	8	1.3	7	1.6
	Casamento	12	2	7	1.6

Os participantes do estudo tinham idades compreendidas entre os 14 e 39 anos, sendo a média de idades de 18.6 anos ($DP=3.06$). A sua formação académica ia desde o 10º ano até à frequência de Mestrado, situando-se a média nos 12.4 anos escolares.

Os participantes da amostra admitiram já se ter envolvido entre 1 a 9 relações afectivas ocasionais, apresentando uma média de 2.9 relações por sujeito. As relações ocasionais tendem a durar cerca de um mês (13.3%) ou mesmo períodos inferiores, até uma semana (7.7%). 6.8% dos participantes relataram que a relação se manteve durante 6 meses, enquanto outros 5.7% se envolveram durante apenas um dia. Somente uma pequena percentagem (1.1%) de sujeitos referiu ter mantido esse relacionamento durante mais de 6 meses. Salienta-se, no entanto, que apesar de algumas destas relações envolverem alguma extensão temporal, continuam a ser percebidas pelos participantes como tendo uma natureza ocasional, isto é, sem compromisso e vivida (mesmo quando dura algum tempo) de forma intermitente.

Um número significativo de participantes que se envolveu numa relação ocasional relatou que sentia atracção pelo parceiro(a) (18.8%), seguindo-se a paixão (7.2%) e o amor (6.3%). Apenas 2% dos indivíduos admitiram não nutrir qualquer sentimento pelo parceiro, enquanto 1.4% relataram sentimentos de amizade.

Prevalência da violência nas relações afectivas ocasionais

Os dados resultantes do IVC-4 (Antunes & Machado, 2007) revelam que 43.2% dos sujeitos relataram ter cometido pelo menos um acto violento numa relação afectiva ocasional ao longo da sua vida. Por sua vez, 37.3% dos indivíduos referiram ter sido vítimas de pelo menos um acto abusivo durante uma relação afectiva ocasional ocorrida em dada altura das suas vidas.

TABELA 2

Prevalência dos vários tipos de violência nas relações ocasionais

	Violência	<i>n</i>	Frequência	%
<i>Perpetração</i>	Global	412	191	43.2
	Física	413	133	30.1
	Emocional	417	121	27.4
	Sexual	412	55	12.4
<i>Vitimação</i>	Global	352	165	37.3
	Física	339	90	20.4
	Emocional	349	102	23.1
	Sexual	349	73	16.5

Prevalência da perpetração de violência

A violência física no contexto de uma relação ocasional foi relatada por 30.1% dos indivíduos. Por sua vez, 27.4% dos sujeitos da amostra revelou ter já perpetrado ao longo da sua vida pelo menos um acto emocionalmente violento em relação a um parceiro ocasional. No que concerne à violência sexual, 12.4% dos estudantes indicaram ter violentado sexualmente um seu parceiro ocasional. A tabela 3 apresenta uma descrição detalhada dos diferentes comportamentos violentos perpetrados pelos sujeitos da amostra e respectiva percentagem.

TABELA 3

Descrição dos actos de violência perpetrados

	Nunca fiz a um parceiro ocasional		Já fiz a um parceiro ocasional, uma única vez		Já fiz a um parceiro ocasional, mais do que uma vez	
	<i>N</i>	%	<i>N</i>	%	<i>N</i>	%
<i>Perpetração</i>						
<i>Violência física</i>						
Puxar cabelos com força	384	86.9	23	5.2	22	5
Dar uma bofetada	362	81.9	50	11.3	20	4.5
Apertar o pescoço	413	93.4	12	2.7	8	1.8
Ameaçar com armas	416	94.1	9	2	1	.2
Dar um murro	404	91.4	17	3.8	7	1.6
Atirar com objectos	385	87.1	30	6.8	13	2.9
Dar uma sova	411	93	13	2.9	7	1.6
Dar pontapés ou cabeçadas	404	91.4	15	3.4	11	2.5
Dar empurrões violentos	394	89.1	18	4.1	9	2
Bater com a cabeça contra a parede	405	91.6	13	2.9	2	.5
Causar ferimentos que não precisaram de assistência médica	401	90.7	8	1.8	9	2
Causar ferimentos que precisaram de assistência médica	410	92.8	6	1.4	1	.2
<i>Violência emocional</i>						
Gritar ou ameaçar, para meter medo	386	87.3	25	5.7	12	2.7
Insultar, difamar e humilhar	347	78.5	50	11.3	29	6.6
Perseguir a outra pessoa	375	84.8	35	7.9	21	4.8
<i>Violência sexual</i>						
Forçar a realizar o acto sexual sem preservativo	407	92.1	8	1.8	6	1.4
Fazer com que o outro consuma substâncias para obter actos sexuais	415	93.9	10	2.3	5	1.1
Forçar beijos, carícias ou toques íntimos	389	88	22	5	11	2.5
Forçar a prática de actos sexuais indesejados	412	93.2	9	2	3	.7
Forçar a outra pessoa a manter relações sexuais contra a sua vontade	417	94.3	7	1.6		
<i>Outros actos</i>	175	39.6	3	.7		

A tabela demonstra que os actos mais frequentes são insultar, difamar e humilhar (17.9%), dar uma bofetada (15.8%), perseguir a outra pessoa (12.7%), puxar os cabelos com força (10.2%), atirar com objectos (9.7%) e gritar ou ameaçar para meter medo (8.4%).

Prevalência da vitimação

Contrariamente ao que ocorre quanto à perpetração, a vitimação emocional surge como o tipo de violência mais sofrido nas relações ocasionais, já que 23.1% dos sujeitos relatou ter sido vítima de pelo menos um acto desta natureza ao longo das relações ocasionais em que esteve envolvido. Por sua vez, 20.4% dos indivíduos relataram ter sido vítimas de pelo menos um comportamento fisicamente violento por parte de um parceiro ocasional. A vitimação sexual foi revelada por 16.5% dos estudantes. A tabela 4 apresenta, de forma mais detalhada, os diferentes tipos de violência recebida e a percentagem de sujeitos que os sofreu.

TABELA 4
Descrição dos actos de violência sofridos

Vitimação	Um parceiro ocasional nunca me fez		Um parceiro ocasional já me fez, uma única vez		Um parceiro ocasional já me fez, mais do que uma vez	
	N	%	N	%	N	%
<i>Violência física</i>						
Puxar cabelos com força	320	72.4	18	4.1	20	4.5
Dar uma bofetada	323	73.1	22	5	14	3.2
Apertar o pescoço	337	76.2	12	2.7	9	2
Ameaçar com armas	353	79.9	9	2	3	.7
Dar um murro	345	78.1	12	2.7	7	1.6
Atirar com objectos	332	75.1	20	4.5	8	1.8
Dar uma sova	351	79.4	6	1.4	4	.9
Dar pontapés ou cabeçadas	343	77.6	9	2	10	2.3
Dar empurrões violentos	332	75.1	12	2.7	9	2
Bater com a cabeça contra a parede	341	77.1	10	2.3	2	.5
Causar ferimentos que não precisaram de assistência médica	337	76.2	4	.9	7	1.6
Causar ferimentos que precisaram de assistência médica	345	78.1	4	.9	1	.2
<i>Violência emocional</i>						
Insultar, difamar e humilhar	294	66.5	36	8.1	27	6.1
Perseguir a outra pessoa	323	73.1	14	3.2	20	4.5
Gritar ou ameaçar, para meter medo	322	72.9	24	5.4	10	2.3
<i>Violência sexual</i>						
Forçar a realizar o acto sexual sem preservativo	339	76.7	7	1.6	4	.9
Forçar a outra pessoa a manter relações sexuais contra a sua vontade	340	76.9	12	2.7	3	.7
Fazer com que o outro consuma substâncias para conseguir actos sexuais	346	78.3	6	1.4	10	2.3
Forçar beijos, carícias ou toques íntimos	310	70.1	33	7.5	13	2.9
Forçar a prática de actos sexuais indesejados	339	76.7	10	2.3	4	.9
<i>Outros actos</i>	142	32.1	2	.5		

Através da tabela, podemos constatar que entre os actos mais frequentemente relatados destaca-se o ter sido insultado, difamado e humilhado (14.2%). De seguida, os actos: forçar beijos, carícias e toques íntimos (10.4%), puxar os cabelos com força (8.6%), dar uma bofetada (8.2%) e gritar ou ameaçar para meter medo (7.7%) foram os mais relatados pelas vítimas.

Associação entre diferentes formas de violência

Associação entre as várias formas de perpetração de violência

Existe uma associação estatisticamente significativa entre as várias formas de violência praticadas pelos participantes. Esta associação verifica-se entre a perpetração física e a perpetração emocional [$\chi^2(1)=72.093$; $p<.001$], constatando-se que 31.5% dos sujeitos relata ter perpetrado simultaneamente comportamentos física e emocionalmente violentos. Quando a violência física foi associada com a violência sexual, encontra-se também uma associação estatisticamente significativa [$\chi^2(1)=34.577$; $p<.001$], verificando-se que 12.8% da população adoptou actos físicos e sexualmente abusivos contra um parceiro ocasional. Ocorre também uma associação estatisticamente significativa entre a perpetração emocional e a perpetração sexual [$\chi^2(1)=44.694$; $p<.001$], sendo que 13.1% dos indivíduos relataram ter perpetrado ambos tipos de violência no contexto de uma relação afectiva ocasional.

Associação entre as várias formas de vitimação

Existe, igualmente, uma associação estatisticamente significativa entre as várias formas de vitimação. Não só se encontra uma associação significativa entre a vitimação física e a vitimação emocional [$\chi^2(1)=67.958$; $p<.001$], como também entre a vitimação física e a vitimação sexual [$\chi^2(1)=33.788$; $p<.001$]. Deste modo, 27.6% da população da amostra referiu ter sido vítima tanto de violência física, como emocional por um parceiro ocasional, enquanto 19.8% relatou ter sofrido tanto violência física, como sexual num relacionamento íntimo. Por último, regista-se, igualmente, uma associação significativa entre a violência emocional e a violência sexual [$\chi^2(1)=55.146$; $p<.001$], verificando-se que 19% dos indivíduos relatou ter sofrido ambos tipos de violência numa relação ocasional.

Associação entre a perpetração e a vitimação das várias formas de violência

Quando associada a perpetração global com a vitimação global, encontra-se uma forte associação entre ambas as variáveis [$\chi^2(1)=1.635$; $p<.001$], verificando-se que 45.9% dos sujeitos da amostra referiu ter experienciado ambas as situações num relacionamento ocasional.

Numa análise mais detalhada, verifica-se uma associação estatisticamente significativa entre a perpetração e a vitimação física [$\chi^2(1)=1.239$; $p<.001$], observando-se, igualmente, uma associação estatisticamente significativa entre a perpetração e a vitimação emocional [$\chi^2(1)=1.673$; $p<.001$]. Deste modo, 29.1% dos sujeitos revelou envolvimento na violência física, quer enquanto vítima, quer enquanto ofensor; por outro lado, 28.3% dos participantes reportaram tanto ter cometido, como ter sofrido violência emocional numa relação ocasional. Por fim, verifica-se uma associação estatisticamente significativa entre a perpetração e vitimação sexual [$\chi^2(1)=1.153$; $p<.001$], tendo 19.4% da amostra relatado ter cometido mas também sofrido este tipo de abuso.

Diferenças nos comportamentos violentos em função de variáveis socio-demográficas

Género

Não foram encontradas associações significativas entre género e perpetração [$\chi^2(1)=2.653$; $n.s.$] ou vitimação geral [$\chi^2(1)=3.616$; $n.s.$]. Porém, na análise específica dos vários tipos de violência, encontraram-se associações significativas entre o género e a vitimação física [$\chi^2(1)=16.621$; $p<.001$], perpetração emocional [$\chi^2(1)=4.036$; $p<.05$] e a perpetração sexual [$\chi^2(1)=13.001$; $p<.001$]. Os rapazes tendem a relatar mais frequentemente vitimação física (66.3%), perpetração emocional (58.3%) e perpetração sexual (74.1%), comparativamente com as raparigas. Em oposição, não encontramos associação entre género e perpetração de violência física [$\chi^2(1)=.457$;

n.s.], nem entre género e vitimação emocional [$\chi^2(1)=2.167$; *n.s.*] ou vitimação sexual [$\chi^2(1)=.066$; *n.s.*].

Idade

Quando comparamos perpetradores e não perpetradores, encontram-se diferenças etárias significativas ($Z=-2.898$; $p<.01$), o mesmo sucedendo ao nível da vitimação ($Z=-2.580$; $p<.05$), sendo que tanto ofensores como vítimas se inserem em grupos etários mais novos. Numa análise mais pormenorizada, encontram-se diferenças etárias ao nível da vitimação física ($Z=-2.315$; $p<.05$) e também da perpetração física ($Z=-4.215$; $p<.001$): quanto mais novos são os sujeitos, maior tendência apresentam para perpetrar e ser vítimas de actos fisicamente violentos. Contudo, não há diferenças etárias ao nível da perpetração ($Z=-1.095$; *n.s.*) e vitimação ($Z=-1.126$; *n.s.*) emocional, nem no que concerne à perpetração ($Z=-.016$; *n.s.*) e vitimação sexual ($Z=-1.352$; *n.s.*).

Ano escolar

Quando comparamos perpetradores com não perpetradores, verificamos que os perpetradores tendem a frequentar anos escolares inferiores ($Z=-5.580$; $p<.001$), o mesmo sucedendo ao nível da vitimação ($Z=-4.216$; $p<.001$). Quando analisada especificamente a violência física, constatam-se diferenças no mesmo sentido, com os perpetradores da violência a integrarem anos escolares inferiores ($Z=-6.782$; $p<.001$). No mesmo sentido, as vítimas de violência física ($Z=-3.790$; $p<.001$), também prevalecem entre os alunos menos escolarizados. No que se refere à violência emocional, verificam-se diferenças significativas no mesmo sentido, ao nível da perpetração ($Z=-3.767$; $p<.001$) e vitimação ($Z=-2.838$; $p<.01$). Finalmente, embora não existam diferenças de ano escolar entre perpetradores e não perpetradores de violência sexual ($Z=-1.543$; *n.s.*), essas diferenças estão presentes ao nível da vitimação ($Z=-2.310$; $p<.05$), também no sentido já descrito.

Nível de ensino

Existem associações significativas entre nível de ensino e vitimação [$\chi^2(1)=18.310$; $p<.001$], assim como perpetração de violência [$\chi^2(1)=26.118$; $p<.001$]. Os estudantes do ensino secundário experienciam (62%), bem como utilizam (66.5%), mais comportamentos violentos, comparativamente com os estudantes do ensino universitário. Especificamente, encontram-se estas associações ao nível da perpetração [$\chi^2(1)=36.733$; $p<.001$] e da vitimação física [$\chi^2(1)=16.637$; $p<.001$], sendo a violência física mais comumente relatada pelos jovens do ensino secundário (74.6% – perpetração / 67% – vitimação), comparativamente com os do ensino universitário (25.4% – perpetração / 33% – vitimação). De igual modo, os estudantes do ensino secundário prevalecem no relato da perpetração da violência emocional [$\chi^2(1)=13.081$; $p<.001$] – 65.8% –, assim como da vitimação emocional [$\chi^2(1)=8.188$; $p<.01$] – 60.4%. Não encontramos, contudo, associações entre nível de ensino e violência sexual, nem termos da perpetração [$\chi^2(1)=3.401$; *n.s.*] nem de vitimação [$\chi^2(1)=3.078$; *n.s.*].

Nível socioeconómico

Não se verificam diferenças significativas quanto ao estatuto socioeconómico, ao nível da perpetração ($Z=-.083$; *n.s.*) e da vitimação ($Z=-1.333$; *n.s.*) global. Numa análise mais específica, verifica-se que os ofensores ($Z=-.368$; *n.s.*) e vítimas ($Z=-.082$; *n.s.*) não se diferenciam, ao nível da condição socioeconómica, dos sujeitos que relataram nunca ter recorrido, nem sofrido violência física no contexto de uma relação ocasional. O mesmo sucede quando considerada a violência emocional, ao nível da perpetração ($Z=-.416$; *n.s.*) e da vitimação ($Z=-1.292$; *n.s.*). Por fim, quando analisada a violência sexual, também não há diferenças socioeconómicas entre perpetradores e não perpetradores ($Z=-.364$; *n.s.*), nem entre vítimas e não vítimas ($Z=-.684$; *n.s.*).

Duração da relação

Quando comparamos a duração da relação amorosa relatada por perpetradores e não perpetradores não se encontram diferenças estatisticamente significativas ($Z=.875$; *n.s.*). O mesmo sucede em termos da vitimação ($Z=-.870$; *n.s.*). Numa análise mais detalhada das diversas formas de violência, obtiveram-se resultados semelhantes. Não há diferenças significativas na duração das relações em que é relatada perpetração física, quando comparadas com aquelas onde tal não é reportado ($Z=-.356$; *n.s.*), o mesmo acontecendo ao nível da vitimação física ($Z=-1.227$; *n.s.*), da perpetração emocional ($Z=-.252$; *n.s.*), da vitimação emocional ($Z=-.339$; *n.s.*), da perpetração sexual ($Z=-1.473$; *n.s.*) e da vitimação sexual ($Z=-.928$; *n.s.*).

Número de relações afectivas ocasionais

Perpetradores e não perpetradores apresentam diferenças muito significativas ao nível da quantidade de relações afectivas ocasionais em que se envolveram ($Z=-3.909$; $p<.001$), o mesmo acontecendo ao nível da vitimação ($Z=-2.674$; $p<.01$), sendo este número de envolvimento superior tanto nos ofensores como nas vítimas. O número de relações mantidas diferencia também vítimas físicas de não vítimas físicas ($Z=-2.254$; $p<.05$), o mesmo sucedendo ao nível da perpetração física ($Z=-3.402$; $p<.01$). Registam-se também diferenças significativas na quantidade de relações ocasionais mantidas por ofensores emocionais quando comparados com não ofensores ($Z=-3.657$; $p<.001$) e por vítimas comparadas com não vítimas emocionais ($Z=-2.907$; $p<.01$). As diferenças ocorrem no mesmo sentido, quando analisada a violência sexual, quer ao nível da perpetração ($Z=-2.101$; $p<.05$) quer da vitimação ($Z=-2.136$; $p<.05$).

Envolvimento emocional na relação

Finalmente, analisamos a associação entre perpetração/vitimação e o sentimento descrito pelos jovens em relação ao seu parceiro ocasional (amor vs. atracção). Não encontramos associações entre esta variável e a perpetração [$\chi^2(1)=.800$; *n.s.*], nem entre aquela e a vitimação [$\chi^2(1)=.008$; *n.s.*]. Não há também associações entre o nível de envolvimento emocional e a perpetração física [$\chi^2(1)=1.013$; *n.s.*], embora a vitimação física surja associada ao envolvimento emocional na relação [$\chi^2(1)=4.606$; $p<.05$]. Assim, 70% das vítimas afirmaram ter sentido paixão pelo companheiro, enquanto 30% apontaram o amor como o sentimento dominante na relação. Por sua vez, não se encontram associações significativas entre envolvimento emocional e perpetração de abuso emocional [$\chi^2(1)=2.030$; *n.s.*] ou vitimação emocional [$\chi^2(1)=.852$; *n.s.*]. O mesmo sucede quando analisada a violência sexual, ao nível da perpetração [$\chi^2(1)=1.817$; *n.s.*] e da vitimação [$\chi^2(1)=.207$; *n.s.*].

DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Este estudo permite, antes de mais, salientar o quão frequentes são as relações afectivas ocasionais entre os jovens, já que 72.3% dos participantes da amostra relatou já se ter envolvido neste tipo de relacionamentos. Estes dados replicam os do estudo de Manning, Giordano e Longmore (2006), que referem que mais de metade dos jovens (64%) já se envolveu numa relação afectiva ocasional.

Em segundo lugar, os nossos resultados alertam para a relevância do problema da violência nas relações de intimidade juvenil. Os índices significativos de violência encontrados neste estudo, quer ao nível da perpetração (43.2% dos estudantes perpetrrou pelo menos um acto abusivo contra

um parceiro(a) ocasional, 30.1% de natureza física), quer ao nível da vitimação (37.3% foram alvo de violência, 20.4% de agressão física) corroboram os dados de outros estudos nacionais de prevalência (e.g., Machado, Caridade, & Martins, 2009), ainda que tais estudos se remetam à análise das relações de intimidade juvenil em geral e não existam outros estudos específicos sobre as relações ocasionais. Salientamos, no entanto, que os níveis de violência por nós encontrados nas relações ocasionais excedem bastante os identificados neste outro estudo de alcance mais geral (30.6% de perpetração, 18.1% de natureza física e 25.4% de vitimação, 13.4% de natureza física). Estes dados são, a nosso ver, bastante preocupantes e indicam a necessidade de estudar melhor o fenómeno da violência no contexto das relações ocasionais, bem como os factores específicos que potenciam a mesma nestes contextos (e.g., falta de envolvimento afectivo, ausência de expectativas de continuidade da relação, discrepâncias entre o nível de envolvimento e expectativas dos parceiros, comunicação pobre).

Por outro lado, ainda que seja o tipo de violência menos prevalente nas relações ocasionais, a violência sexual nestes envolvimento atinge também níveis elevados (perpetração – 12.4%; vitimação – 16.5%), bastante superiores aos encontrados num estudo exploratório sobre a violência sexual em jovens universitários que abrangia diferentes tipos de relacionamentos (Martins & Machado, no prelo – 11% de vitimação e 3.9% de perpetração). A literatura corrobora que este tipo de violência tende a ocorrer em relações afectivas ocasionais (Flack, Daubman, Caron, Asadorian, D'Aureli, Gigliotti, Hall, Kiser, et al., 2007; Muehlenhard & Linton, 1987), uma vez que a própria falta de conhecimento e envolvimento dos parceiros dificulta a sua comunicação sobre os limites do envolvimento físico e sexual mutuamente desejados e potencia erros de interpretação sobre as intenções do outro.

Em síntese, quer quanto aos níveis de agressão, quer quanto aos seus tipos, os dados sobre a violência nos relacionamentos ocasionais reforçam a preocupação que deve existir com a questão da violência na intimidade juvenil e sugerem que as relações ocasionais poderão conter factores que contribuem para um risco acrescido da mesma.

Por outro lado, à semelhança do verificado no namoro, em Portugal e em vários estudos internacionais (e.g., Gidycz, Warkentin, & Orchowski, 2007; Lavoie, Hébert, Tremblay, Vitaro, Vézina, & McDuff, 2002), as diferentes formas de violência tendem a estar relacionadas entre si, assim como tendem a estar associados os estatutos de perpetrador e vítima. Esta associação parece sugerir (ainda que não permita comprovar) um padrão de bi-direccionalidade na agressão, em que o mesmo indivíduo simultaneamente agride e é agredido. Também num estudo levado a cabo por Gray e Foshee (1997, citados por Cyr, McDuff, & Wright, 2006) os índices de violência mútua se situavam entre os 45% e os 72%, conferindo credibilidade à hipótese de a violência ser bidireccional (Harned, 2002). Sendo assim, os dados encontrados no presente estudo permitem estabelecer uma analogia com um dos padrões de violência descritos por Johnson e Ferraro (2000), mais concretamente o tipo *common couple violence*. Porém, torna-se necessário ressaltar que não é possível certificar esta correspondência, já que não se consegue discriminar, no nosso estudo, a pessoa que reage em auto-defesa daquela que iniciou a violência, tendo sido ambas codificadas como agressoras.

No que concerne ao impacto das diferentes variáveis sociodemográficas consideradas, o género parece ter influência na violência física, emocional e sexual, com os rapazes a relatarem mais ser alvo de vitimação física, ao mesmo tempo que relatam mais perpetração de violência emocional e sexual. Estes dados sugerem, assim, um padrão de maior ambiguidade do que os dos estudos levados a cabo por Paiva e Figueiredo (2005) e Machado, Caridade e Martins (2009) que associavam claramente níveis superiores de perpetração às raparigas. No que concerne, contudo, especificamente à violência sexual, os dados do nosso estudo são congruentes com a investigação empírica internacional (e.g., O'Sullivan, Byers, & Finkelman, 1998) e nacional (Martins & Machado, no prelo; Paiva & Figueiredo, 2005), que atribui maior perpetração sexual aos rapazes. Alguns autores (Flack et al., 2007; Muehlenhard & Linton, 1987) afirmam, aliás, que este tipo de violência tende a

ser frequente nas relações ocasionais precisamente devido a disparidades de género existentes nestes relacionamentos, que surgem, desde logo, quanto ao nível de intimidade física desejado (Flack et al., 2007), usualmente maior pelos rapazes. Subjacente a este facto estarão as diferenças de socialização entre rapazes e raparigas em matéria de sexualidade, nomeadamente o duplo padrão sexual e o facto de, apesar de se envolverem em relações ocasionais, este tipo de relação ser menos bem vista e aceite entre as raparigas (Daubman & Schatten, 2005, citados por *ibidem*).

Tal como constataram Stets e Pirog-Good (2002, citados por Cyr, McDuff, & Wright, 2006) – mas ao contrário do que encontraram Machado, Caridade e Martins (2009) – a idade, ano escolar e grau de formação encontram-se negativamente associadas à vitimação e perpetração de violência. Do nosso ponto de vista, tal poderá acontecer porque os adolescentes evidenciam uma menor maturação relacional e, conseqüentemente, uma menor capacidade de negociação de conflitos e resolução de problemas, o que favorece a violência.

No que concerne à influência do nível socioeconómico, os resultados por nós encontrados reproduzem os de alguns estudos nacionais (Machado, Caridade, & Martins, 2009) e internacionais (e.g., Cyr, McDuff, & Wright, 2006; Flisher, Myer, Mèrais, Lombard & Reddy, 2007; O’Keefe, 1997), no sentido da falta de impacto desta variável, pelo menos no que diz respeito às relações juvenis (já que no contexto conjugal vários estudos – e.g., Machado, Gonçalves, Matos, & Dias, 2007 – indicam a maior prevalência da violência nos sectores sociais mais desfavorecidos).

Quando passamos destas variáveis sociodemográficas para a análise de factores mais especificamente relacionais, não verificamos impacto significativo da duração da relação quanto à ocorrência de violência. Embora esta associação tenha sido encontrada noutras investigações (e.g., Gagné, Lavoie, & Hébert, 2005; Harned, 2002; Marcus & Swett, 2002), salientamos a natureza específica das ligações afectivas estudadas neste trabalho, na sua maioria de muito curta duração quando comparadas com as relações de namoro analisadas naqueles estudos.

Não encontramos também um impacto significativo do sentimento relatado face ao parceiro ocasional, excepto para a paixão associada à vitimação física. Este é um resultado que merece mais exploração, na medida em que existem autores (Neufeld, McNamara, & Ertl, 1999) que, num estudo sobre a violência no namoro, concluíram que o comprometimento emocional contribuiu para o aumento de violência. No entanto, mais uma vez, a especificidade destas relações pode explicar estes resultados, já que – independentemente do sentimento verbalizado aquando do inquérito – o grau de compromisso e envolvimento dos participantes é, em princípio, menor do que o presente nas relações de namoro. Daí, eventualmente, o seu menor impacto em termos de violência.

Finalmente, os nossos dados corroboram os estudos que afirmam que a conduta violenta nas relações de intimidade tende a aumentar conforme o número de relacionamentos mantidos (cf. Cyr, McDuff, & Wright, 2006; Neufeld, McNamara, & Ertl, 1999; O’Keefe, 1997). Uma hipótese explicativa para este dado poderá ser o facto de o envolvimento mais frequente em relações ocasionais poder levar o sujeito a desvalorizá-las no plano emocional, percepcionando-as como ligações puramente físicas e sexuais, sendo que este desinvestimento emocional pode facilitar o envolvimento em comportamentos violentos. No entanto, O’Keefe (1997) aconselha prudência na interpretação destes dados, uma vez que este resultado pode decorrer simplesmente das oportunidades para a violência, ou seja, quanto mais parceiros teve um indivíduo, mais probabilidades teve de enfrentar conflitos nessas relações e mais oportunidades teve para perpetrar ou sofrer violência.

O presente estudo apresenta várias limitações, entre as quais se destacam as questões metodológicas. Em primeiro lugar, esta foi uma amostra de conveniência, limitada a uma Universidade e duas escolas secundárias, de uma região específica do país. O alargamento desta amostra é, pois, fundamental, se pretendermos confirmar os resultados e algumas hipóteses explicativas dos mesmos aqui avançadas.

Paralelamente, este estudo enfrenta as limitações típicas das investigações feitas através de instrumentos de auto-relato, muito particularmente a impossibilidade de recolher informações mais detalhadas sobre o incidente (e.g., quem iniciou a interacção abusiva, grau de força aplicada, danos causados, intencionalidade). Este instrumento não permitia, também, discriminar em quantas relações ocasionais ocorreu o comportamento abusivo.

Finalmente, o facto de a recolha dos dados ter sido efectuada, maioritariamente, em contextos que reuniam vários jovens apresenta aspectos potencialmente negativos: a veracidade do seu relato pode ter ficado comprometida quando o jovem se encontrava acompanhado, apesar dos esforços desenvolvidos para minimizar este efeito.

CONCLUSÃO

No cômputo geral, este estudo demonstra que o fenómeno da violência nas relações íntimas juvenis se alarga a outros relacionamentos, que não apenas o contexto do namoro. Segundo alguns autores, as relações afectivas ocasionais estão, de certo modo, a substituir essas relações íntimas tradicionais (Manning, Giordano, & Logmore, 2006), o que parece, em certa medida, ser sugerido pelo nosso estudo, já que a maioria dos jovens está envolvido ou já se envolveu num relacionamento ocasional (72.3%). Dada a frequência destes relacionamentos, torna-se fundamental estudar a prevalência da violência nesta nova realidade relacional, algo, contudo, que ainda foi muito pouco explorado pela investigação na área.

Este estudo sugere, ainda, que as relações ocasionais podem ser contextos de particular risco para a violência, se aceitarmos que os níveis de prevalência encontrados são superiores aos verificados nas relações de namoro. Quais são as especificidades das relações ocasionais que contribuem para essa vulnerabilidade? O que se modifica nos processos de transição entre as relações ocasionais e o namoro? Serão os programas de prevenção da violência concebidos no contexto das relações de namoro também eficazes para diminuir a agressão nestes contextos relacionais mais fluidos e instáveis?

Uma vez que as relações afectivas ocasionais constituem uma área de investigação recente na comunidade científica, é pertinente avançar com propostas de investigação que esclareçam estas e outras questões. Do nosso ponto de vista, os resultados encontrados neste estudo exploratório sugerem que este fenómeno deve continuar a ser estudado, em duas vertentes: por um lado, surge a necessidade de avaliar a prevalência da violência nas relações ocasionais através de estudos representativos alargados ao contexto nacional; por outro, torna-se necessário compreender a fenomenologia da violência nestas novas formas de intimidade juvenil. Ou seja, seria relevante conhecer os significados atribuídos pelos jovens às relações ocasionais e à violência que nelas ocorre, conhecer os contextos em que estas relações predominam e perceber as dinâmicas relacionais que as caracterizam e que facilitam a violência.

REFERÊNCIAS

- Antunes, J., & Machado, C. (2007). *IVC-4* (versão adaptada do inventário de violência para as relações ocasionais). Braga: Universidade do Minho.
- Brown, N. M., & Amatea, E. S. (2000). *Love and intimate relationships: Journeys of the heart*. USA: Taylor & Francis.

- Connolly, J., & Josephson, W. (2007). Aggression in adolescent dating relationships: Predictors and prevention. *The Prevention Researcher*, 14, 3-5.
- Cyr, M., McDuff, P., & Wright, J. (2006). Prevalence and predictors of dating violence among adolescent female victims of child sexual abuse. *Journal of Interpersonal Violence*, 21, 1000-1017.
- Flack, W. F., Daubman, K. A., Caron, M. L., Asadorian, J. A., D'Aureli, N. R., Gigliotti, S. N., Hall, A. T., Kiser, S., et al. (2007). Risk factors and consequences of unwanted sex among university students: Hooking up, alcohol and stress response. *Journal of Interpersonal Violence*, 22, 139-157.
- Flisher, A. J., Myer, L., Mèrais, A., Lombard, C., & Reddy, P. (2007). Prevalence and correlates of partner violence among South African adolescents. *Journal of Child Psychology*, 48, 619-627.
- Gagné, M., Lavoie, F., & Hébert, M. (2005). Victimization during childhood and revictimization in dating relationships in adolescent girls. *Child Abuse & Neglect*, 29, 1155-1172.
- Gidycz, C. A., Warkentin, J. B., & Orchowski, L. M. (2007). Predictors of perpetration of verbal, physical and sexual violence: A prospective analysis of college men. *Psychology of Men & Masculinity*, 8, 79-94.
- Harned, M. S. (2002). A multivariate analysis of risk markers for dating violence victimization. *Journal of Interpersonal Violence*, 17, 1179-1197.
- Heritage, J., Carlton, C. C., West, B. (1996). Dating and physical violence. *Reports-research*, 43, 1-22.
- Hickman, L. J., Jaycox, L. H., & Aronoff, J. (2004). Dating violence among adolescents. Prevalence, gender distribution, and prevention program effectiveness. *Trauma, Violence, & Abuse*, 5, 123-142.
- Johnson, M. P., & Ferraro, K. J. (2000). Research on domestic violence in the 1990s: Making distinctions. *Journal of Marriage and the Family*, 62, 948-963.
- Lavoie, F., Hébert, M., Tremblay, R., Vitaro, F., Vézina, L., & McDuff, P. (2002). History of family dysfunction and perpetration of dating violence by adolescent boys: A longitudinal study. *Journal of Adolescent Health*, 30, 375-383.
- Lewis, S. F., & Fremouw (2001). Dating violence: Critical review of the literature. *Clinical Psychology Review*, 21(1), 105-127.
- Machado, C., Caridade, S., & Martins, C. (2009). Violence in juvenile dating relationships: Self-reported prevalence and attitudes in a Portuguese sample. *Journal of Family Violence*, 25, 43-52.
- Machado, C., Gonçalves, M. M., Matos, M., & Dias, A. R. (2007). Child and partner maltreatment: Self-reported prevalence and attitudes in the North of Portugal. *Child Abuse and Neglect*, 31, 657-670.
- Magdol, L., Moffit, T. E., Caspi, A., Newman, D. L., Fagan, J., & Silva, P. A. (1997). Gender differences in partner violence in a birth cohort of 21-years-old: Bridging the gap between clinical and epidemiological approaches. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 65, 68-78.
- Manning, W. D., Giordano, P. C., & Longmore, M. A. (2006). Hooking up: The relationship contexts of "nonrelationship" sex. *Journal of Adolescent Research*, 21, 459-483.
- Marcus, R. F., & Swett, B. (2002). Violence in close relationships. *Journal of Interpersonal Violence*, 17, 570-586.
- Martins, S., & Machado, C. (no prelo). Perpetração y victimación sexual: Estudio con jóvenes universitarios portugueses sobre creencias y prevalencia. In R. Arce, F. Fariña, et al. (Eds.), *Colección Psicología y Ley*, 5. Murcia: Sociedad Española de Psicología Jurídica y Forense.
- Matos, M., Féres-Carneiro, T., & Jablonski, B. (2005). Adolescência e relações amorosas: Um estudo sobre jovens das camadas populares cariocas. *Interação em Psicologia*, 9, 21-33.
- Matos, M., Machado, C., & Gonçalves, M. (2000). *Inventário de Violência Conjugal (IVC)*. Universidade do Minho.

- Muehlenhard, C. L. & Linton, M. A. (1987). Date rape and sexual aggression in dating situations: Incidence and risk factors. *Journal of Counseling Psychology*, 34, 186-196.
- Neufeld, J., McNamara, J. R., & Ertl, M. (1999). Incidence and prevalence of dating partner abuse and its relationship to dating practices. *Journal of Interpersonal Violence*, 14, 125-137.
- Nunan, A. (2004). Violência doméstica entre casais homossexuais: O segundo armário? *PSICO*, 35, 69-78.
- O'Keefe, L. (1997). Predictors of dating violence among high school students. *Journal of Interpersonal Violence*, 12, 546-568.
- O'Sullivan, L. F., Byers, E. S., & Finkelman, L. (1998). A comparison of male and female college students' experiences of sexual coercion. *Psychology of Women Quarterly*, 22, 177-195.
- Paiva, C., & Figueiredo, B. (2005). Abuso no relacionamento íntimo e estado de saúde em jovens adultos portugueses. *International Journal of Clinical and Health Psychology*, 5, 243-272.
- Straus, M. A. (2004). Prevalence of violence against dating partners by male and female university students worldwide. *Violence Against Women*, 10, 790-811.

This paper presents the results of a research project on the prevalence of violence in the casual intimate involvements of a sample of 600 university and college students. 72.3% of the participants reported to have been involved in such relationships. They answered a violence inventory (IVC-4, Antunes & Machado, 2007), and 43.2% of them admitted to have perpetrated at least one abusive act towards a casual partner along their lives (30.1% report acts of physical violence) and 37.3% admit to have been victimized by a casual partner (20.4% describe acts of physical violence). Violence is more common among younger subjects, those that attend to lower educational levels and students from secondary schools. It is also more common among participants that have had a higher number of casual relationships. These results corroborate the notion that violence in juvenile intimate relationships is a serious social problem. They also suggest, because the levels of violence found are quite higher than those reported for juvenile dating relationships (Machado, Caridade, & Martins, 2009), that casual intimate involvements may imply specific dynamics that enhance the risk of violence and that should be addressed by future studies.

Key-words: Causal dates, Intimacy, Students, Violence.

